

"A intuição é uma c"

Rilvan Batista de Santana

O homem nasce para ser feliz?...

**"A verdadeira maneira de se enganar é julgar-se mais sabido que outros."
(François de La Rochefoucauld)**

Ano 2010

Introdução

Há vários anos, eu procuro conhecer o destino do homem, o significado da vida, o significado da morte e a natureza de Deus. Sei quão difícil é a compreensão duma proposição embasada na intuição e no raciocínio puro. Por isto, faz-se necessário que o meu discurso seja permeado de experiências empíricas, observáveis, não, somente, em fatos científicos, para torná-lo compreensível ao entendimento do leigo em ontologia, cosmologia, em metafísica, em teologia, enfim, em sutilezas transcendentais.

Não tenho a pretensão nem a presunção de produzir um tratado filosófico ou uma nova teoria teológica ou uma nova teoria gnosiológica ou uma tese acadêmica qualquer, eu não possuo pedigree intelectual para tanto, mesmo que, se possuísse esses conhecimentos, abster-me-ia de elaborar um texto regido de citações, referências bibliográficas ou quaisquer convenções de regras textuais. Todavia, serei honesto e criterioso para não plagiar ou tomar como meu o pensamento de outrem.

Contentar-me-ei se eu construir um texto semelhante ao “Discurso sobre o método” de René Descartes ou “Apologia de Sócrates” de Platão, quanto à compreensão e à clareza de linguagem. Plagiando Lavoisier que “... nada se perde, nada se cria e tudo se transforma...”, diria que em ciência: - nenhuma idéia é nova, nada se inventa, mas se sistematiza o que já existe.

.Uma curiosidade que persegue a história do pensamento humano é descobrir o seu verdadeiro “eu”, “de onde vem” e “para onde vai”. Sócrates foi o primeiro filósofo que provocou este questionamento quando disse: “Conhece-te a ti mesmo”, ou seja, o autoconhecimento, em seguida, descobrir os demais mistérios.

Algumas mentes privilegiadas questionam diuturnamente o sentido da vida e da morte. Será que a morte é uma etapa da vida ou o fim de tudo? Algumas plantas renascem de suas sementes. Para os espíritas, a morte é a maneira como evolui a alma e se dar a reencarnação. Os cristãos contam com a ressurreição nos fins dos tempos e a volta de Jesus Cristo para entrarem na vida eterna. As Testemunhas de Jeová acreditam

que haverá um reino aqui na Terra para os escolhidos. As religiões orientais acreditam num paraíso após a morte...

A diversidade de religiões significa que o homem ainda não sabe nada além túmulo, vive de acordo seus princípios de foro íntimo e formação religiosa herdada ou adquirida porque se ele não for nutrido na fé em Deus, em Jesus Cristo, em Moisés, em Maomé, nos santos, nos anjos e nos arcanjos, na esperança de uma vida eterna, e descobre que sua vida terrena não vale um dedal de sal, que não existe céu, que não existe paraíso, que não existe inferno, nem alma nem espírito, tudo é matéria (energia), o mundo lhe cairá sobre os ombros, a maldade prevalecerá, os seus princípios morais serão enterrados com as suas convicções religiosas, decerto, o homem perderá a vontade de viver...

Já que para explicar o mistério da nossa existência estéril e inútil, pois se “correr... o bicho pega e se ficar... o bicho come”, bem faz o cínico, não o cínico desprovido de pudores morais, porque o sofrimento alheio nos comove, aliás, estamos num mesmo barco e o fim último é o mesmo, mas o cinismo de Antístenes e Diógenes, sem apego aos bens materiais, porém, um cinismo mais atualizado, cínico suficiente, apenas, para não cultivar a miséria nem se estressar insensatamente em busca do fausto e da opulência, do ter!...

Rilvan Batista de Santana

Autor

I

Não, o homem nasce para ter felicidade....

"A intuição é uma concepção não duvidosa da mente pura e atenta, e nasce apenas da luz da razão." (René Descartes)

Um ato jurídico perfeito requer testemunhas. Em um crime, quando não existe prova testemunhal, presencial, mesmo com todo o avanço científico da perícia, mesmo que as provas materiais sejam consistentes, a defesa levanta hipóteses que irão dar trabalho no contraditório, mas se existem testemunhas, a palavra do promotor se torna vigorosa. Portanto, justifico o título deste capítulo, que o homem não nasce para ser feliz, mas ele nasce para viver momentos felizes. Conclui este pensamento, pela história de vida de várias pessoas e pela minha história de vida.

Vejamos, apenas, três situações emblemáticas recentes:

a) Conheci o Dr. G. C. Pereira, num momento não auspicioso para mim (problema de saúde), o nosso primeiro contato foi profissional, no decorrer do tempo, o conheci melhor, pude sentir que o Dr. G. C. Pereira, a despeito de sua juventude, apesar de ser um profissional quase único em nossa cidade, em sua especificidade, embora seja saudável, inteligente, ter nascido em família abastada e gozar dos prazeres da vida e do conforto que o dinheiro pode comprar, ele não é feliz, ele goza, apenas, momentos de felicidade.

Não usei a maiêutica socrática para descobrir sua fragilidade humana, pouco e pouco, naturalmente, ele foi me contando suas ansiedades, o desejo de agregar outra atividade à de médico, suas angústias, seus medos, sua impotência diante da cura e sofrimento dos seus pacientes: – professor, eu lido com a morte todos os dias!...

Certamente, Dr. G. C. Pereira não é feliz...

b) Frei J. G. C. dos Santos é um eterno estudante, atualmente, estuda direito numa faculdade particular. É estudioso, humilde, inteligente, organizado e disciplinado, além de ter um profundo respeito pelo ser humano. Quando o conheci, pensei: “eis aí

um homem de Deus!”, pois não existe outro lugar mais condizente para a felicidade se alojar do que numa alma religiosa.

O Frei J. G. C. dos Santos mostrou-se interessado no estudo da matemática e alguém lhe informou que eu tinha essa qualificação. Então, começamos estudar esta disciplina e pouco e pouco fui descobrindo que o religioso tinha a convicção em Jesus Cristo de São Paulo, mas não herdara a resignação, a compreensão e a humildade de Jó, já não confiava no seu provincial e andava às turras com o seu pároco, ia fazer direito para não ser tão submisso aos seus chefes hierárquicos.

Certamente, Frei J. G. C. dos Santos, não obstante sua fé, ele carrega sua cruz...

c) J. A. Silva morava num paraíso de fazenda no Centro-Sul da Bahia, pelos lados de Itapetinga. Muito capim, muitos bois, muitas vacas, porcos, galinhas, marrecos e muita aguada. Uma chácara no fundo da sede lhe abastecia de verduras e frutas.

J. A. Silva era mais novo do que velho, não tinha filho, era casado com uma linda e apaixonada mulher. Não precisava sair da fazenda para assistir bons filmes na sua TV de plasma. A casa é uma mansão que dar gosto se ver, cuidada por três serviçais.

Apixonado por bola, ele fez um campo para suas peladas com vizinhos e empregados nos finais de semana.

A água irrigada de uma serra abastece a piscina, sua casa e as casas dos seus trabalhadores, tudo é uma beleza...

Eu, minha esposa, fomos convidados para passar um final de semana com J. A. Silva e sua mulher nessa fazenda. Sabíamos de sua riqueza (suas irmãs tinham sido minhas alunas), mas desconhecíamos o tamanho do seu patrimônio, um patrimônio invejável...

No último dia de nossa estada, à noite, na cama, perguntei à minha esposa:

-Querida, será que eles são felizes?

-Quem?

-Os nossos anfitriões!

-Já vem você com suas esquisitices, dorme homem!...

Um ano depois, J. A. Silva suicidou-se, as más línguas diziam que ele estava afundado em dívidas; outros, que sua mulher o traía com um moço da cidade, a polícia não chegou à verdade, parece que o tempo fará tudo esquecer, porém, faz-se necessário

dizer que as aleivosias não eram verdadeiras: a viúva cada vez mais viúva e a fortuna herdada, cada vez mais fortuna.

J. A. Silva não era feliz...

Uma velha professora que tive de psicologia, nos dizia todos os dias em suas aulas:

-Não enxergo vocês como alunos, eu lhes enxergo como problemas – e completava: - cada um carrega uma história de conflitos.

A velha professora não dizia nada à toa, o homem não é plenamente feliz, ele usufrui momentos felizes, afora esses momentos, é um eterno insatisfeito, sempre lhe falta alguma coisa, mesmo nos momentos felizes, um vazio lhe persegue. Os seus questionamentos existenciais recorrentes: “Quem sou eu?”, “De onde vim?” e “Para onde vou?” são mistérios insolúveis.

O questionamento que mais afeta o ser humano é a incerteza do que existe do outro lado da vida, mesmo os beatos de fé cega, os xiitas, os crentes mais racionais e menos radicais, lhes batem de quando em vez, a dúvida da promessa de ressurreição, de reencarnação e de vida eterna no paraíso.

O ateu embora sublime noutras atividades, é grande o seu conflito existencial, consciente, ele renuncia à esperança e ao sentido da vida para legitimar suas convicções.

Se alguém acha este texto uma produção pessimista, rogo-lhe que é a realidade, basta ouvir a história de vida do outro, os seus problemas, as suas ansiedades, as suas angústias, os seus conflitos e as injustiças do dia-a-dia, para chegarmos à triste conclusão que o homem é um ser insatisfeito, impotente, limitado, em perene busca de verdade, de amor e de paz.

Não se pode seguir Nietzsche, decretando a morte de Deus, nem atribuir ao cristianismo à decadência do homem e criar um super-homem, mas se pode questionar esse modelo de cristianismo e redimensionar a idéia que o homem tem de Deus.

Os ensinamentos de auto-ajuda e as correntes filosóficas de raízes monoteístas, não produzem um super-homem, todavia, centralizam o homem diante da vida.

A solidariedade, o pensamento positivo, a sublimação da dor, do sofrimento, e a prática do amor, deixam o homem menos infeliz, mais consciente e lhe dá mais independência intelectual. Porém, esses ensinamentos e essas filosofias de vida pecam na insistência de personalizar Deus, então, descambam no panteísmo...

II

O símbolo

Há algum tempo que pensamos escrever sobre o valor do símbolo, o seu significado, a diferença sutil entre símbolo, sinal e signo. Não obstante ser uma tarefa difícil, abstrata, evocativa, mágica e mística, o símbolo despertou-nos interesse em relação aos demais pelo seu uso religioso, em particular, a Igreja Católica.

O sinal e o signo têm o seu significado em si, na sua representação, mas necessariamente, são desprovidos de idéias abstratas e metafísicas. Os sinais de trânsito, as faixas do Zodíaco e os signos lingüísticos são exemplos emblemáticos. Um motorista responsável condicionou-se parar o seu carro no semáforo vermelho ou seguir a viagem normalmente quando o semáforo é verde quase de maneira involuntária. Todavia, essas ações encerram em si, não existem elucubrações por detrás.

O símbolo é diferente. O símbolo não encerra em si, qualquer que seja o símbolo, ele é embasado por um feixe de idéias, conjeturas e representações. Os símbolos religiosos são os mais ricos nesses aspectos. A mãe de Jesus Cristo, Nossa Senhora, é de uma riqueza simbólica singular, ela é evocada em diferentes situações e títulos.

Os símbolos históricos também são eivados de significados, Joaquim da Silva Xavier, o Tiradentes, Herói Nacional, Patrono Cívico do Brasil, ilustra com clareza o nosso pensamento. Ele representou naquela época, as aspirações de independência política de um povo subjugado e explorado em suas riquezas naturais e socialmente sofrido, hoje, ele é o símbolo maior de liberdade e autodeterminação da nação brasileira.

Martinho Lutero não promoveu a Reforma, somente, por causa da simbologia que impregnava a Igreja Católica do seu tempo, mas pela corrupção e os privilégios que imperavam no seio da igreja, pela venda escandalosa das indulgências, pela autoridade infalível do Papa, pelo excesso de seus dignitários, pela abolição dos interditos, pelas riquezas fabulosas da Igreja Católica em detrimento dos desajustes sociais daquela época, afora, a natureza revolucionária e questionadora do monge alemão, calcada em seu imenso cabedal cultural e inteligência ímpar.

Hoje, as igrejas evangélicas, com algumas distorções, continuam fiéis ao monge alemão, porém, incorporaram em suas liturgias, símbolos menos significativos, menos representativos, a exemplo de óleos, algodões, palmas, água, fogo, etc.

O nosso objetivo não é tecer comentário desairoso ou fazer a defesa de qualquer princípio religioso, político ou científico, entretanto, faz-se necessário dizer que o símbolo sustenta o homem e o aproxima do transcendental. O homem por natureza é limitado, jamais ele chegaria a Deus sem o uso da simbologia, é o símbolo que materializa a sua fé.

Os homens primitivos usavam os fenômenos da natureza como manifestações de suas divindades. Não obstante o progresso científico e tecnológico atuais, o homem ainda continua se apegando às intercessões dos santos, à simbologia, para que Deus mande chuva, sol, evite as catástrofes naturais, os males que afligem o homem e não doutra forma, senão, com o uso do símbolo.

Faz-se necessário dizer que essa simbologia contribui para materializar o que é transcendente.

III

A Religião

No capítulo anterior diferenciamos o significado do símbolo, do sinal e do signo, porque a maioria das religiões usa-o com frequência para materializar a fé dos seus seguidores. Justifica-se que é um meio válido, pois além do símbolo ser constituído de idéias e representações, o símbolo facilita o entendimento do mais bronco indivíduo, ele precisa ver para acreditar. Porém, o excesso de símbolos não é aconselhável, constitui explorar a fé dos incautos e estimula um comércio escuso e desenfreado.

Se Karl Marx ressuscitasse, veria que a religião, não é somente, o “ópio do povo” que o entorpece, que facilitava as ações políticas da classe dominante daquela

época, hoje, além disto, a religião serve-se do símbolo para o enriquecimento inescrupuloso de muita gente.

É comum, em nome da fé, pessoas de virtudes duvidosas, oferecer curas e milagres para doenças somáticas ou psicológicas, às vezes, doenças crônicas que a ciência ainda não deu cabo, com o objetivo inconfesso de aumentar o seu séquito, conseqüente, aumentar os seguidores e melhorar o caixa da sua denominação religiosa.

Além dos pés-de-chinelo que se proliferam dia-a-dia em garagens com o nome duma denominação, vilipendiando a fé simplória do povo humilde, enquanto os espertalhões de anel no dedo constroem templos suntuosos, que dariam inveja ao rei Salomão e, com as ofertas do povo, compram cadeias de televisão, emissoras de rádio, jornais, blogs e sites, editoras, justificando a divulgação das Escrituras Sagradas, numa releitura enfadonha e estéril.

Hoje, o melhor emprego é “servir” a Deus, a Jesus Cristo. A igreja não paga tributo, suas receitas, são os dízimos que de boa fé os seus seguidores “devolvem” de bom grado, 10% do seu dinheirinho suado, com base numa lei de Deus, desde Malaquias: “Trazei todos os dízimos à casa do tesouro, para que haja mantimento na minha casa, e depois fazei prova de mim nisto, diz o SENHOR dos Exércitos, se eu não vos abrir as janelas do céu, e não derramar sobre vós uma bênção tal até que não haja lugar suficiente para a recolherdes (Mal. 3,10).

A Igreja Católica que tem sua sede no estado teocrático e monárquico do Vaticano, com representação diplomática em todo mundo, talvez, a mais rica denominação religiosa do planeta, é quem mais usa os valores simbólicos para disseminar os seus preceitos de evangelização e tem pouco se dado ao trabalho social, é comum nas portas ou escadarias dos seus templos, esmolarem os miseráveis.

Movimentos que aproximam os pobres da Igreja Católica são cerceados no nascedouro, pela cúpula do Vaticano, a exemplo da Teologia da Libertação, considerada uma teoria heterodoxa, apenas, por ter matiz marxista, que propugna pela liberdade do indivíduo e duma sociedade mais justa e mais inclusiva.

Ultimamente, surgiu nos Estados Unidos, um movimento pentecostal na Igreja Católica e doutras religiões cristãs, que se caracteriza pela manifestação do Espírito Santo, chamado Renovação Carismática, que tem como pano de fundo, a música, uma literatura específica, uma língua pentecostal, a pregação, a oração, a vigília, os retiros espirituais, o jejum, as palestras e o batismo no Espírito Santo, com louvor a Jesus

Cristo e a intercessão de Nossa Senhora, o desfecho último: A Eucaristia, o meio de se aproximar de Deus pela Paixão de Jesus Cristo.

Embora esse seguimento atraia muitos fiéis, principalmente, a fatia jovem, por causa de sua música e pelos depoimentos de história de vida de gente que se encontrava no fundo do poço e reconstrói sua vida após o encontro com Jesus Cristo, existe, também, uma fatia de prosélitos maduros, egressos descontentes com os rituais conservadores e tradicionais.

Porém, esse movimento recebe críticas pela alienação, por personalizar demais o Criador e explorar o bolso dos incautos fiéis para os seus projetos de expansão da palavra, embasados em estruturas milionárias de difusão de rádio e televisão, em detrimento de projetos sociais.

Os luteranos e os calvinistas de verdade (não essas chusmas de velhacos que andam por aí, dizendo-se protestante, cujo interesse maior, é fazer da religião um meio de vida), são mais solidários, mais preocupados em melhorar a dignidade dos seus fiéis e da humanidade em geral, não obstante os seus dogmas extemporâneos.

Judaísmo, primeira religião monoteísta que se tem notícia desde Abrão, de leis ortodoxas, nascida pela promessa de Deus aos hebreus de torná-los um povo escolhido e lhes dá uma terra prometida. Moisés é o escolhido por Deus para libertar esse povo da escravidão do Egito, quando lhe é dado os Dez Mandamentos no monte Sinai. Após perambular 40 anos pelo deserto, Moisés e o seu povo chegam a Canaã (Hoje, Palestina).

O rei Davi consolida Jerusalém, a cidade religiosa daquela época, o seu filho Salomão constrói o Templo de Deus, porém, com a morte de Salomão, surgem dois reinos, o de Israel e o de Judá. Depois das invasões pelos babilônicos e romanos, os judeus se espalham pelo mundo: A diáspora. O retorno dos judeus a Israel se dará em 1948, como Estado Independente, pela Assembléia da ONU. Declaração feita por David Ben-Gurion e reconhecida pelas principais potências da época, Rússia e Estados Unidos.

Faz-se necessário esclarecer que desde 721 a.C, os judeus dispersos pelo mundo jamais negligenciaram com os seus princípios culturais e religiosos e mantiveram a crença que um Messias iria restabelecer a unidade política de Israel e restaurar o poder de Deus sobre o homem e as nações, todavia, esse Messias para o judaísmo não é Jesus Cristo.

O judaísmo é uma releitura do Torá, que na sinagoga fica dentro de uma arca, de acordo a tradição judaica, o Torá é o livro inspirado por Deus que vai de Gênesis ao Deuteronômio - livros do Antigo Testamento.

Outro livro de significado judeu é o Talmude, livro que reúne as tradições orais, as histórias e os mitos do povo judeu.

O Menorá, o Chanukiá e a Estrela de David significam para o judaísmo, o que a cruz significa para o cristão, são os seus símbolos sagrados. Dentre os seus rituais, um dos mais significativos é a circuncisão.

Enfim, é necessário dizer que nem todo judeu segue a religião mosaica...

O islamismo assim como o judaísmo e o cristianismo, é uma religião monoteísta, segundo sua crença, Maomé recebeu a visita do anjo Gabriel, enviado por Alá com o principal objetivo de combater o politeísmo, os infiéis, e unificar a fé através do Jihad - Guerra Santa.

Os sunitas e os xiitas são os segmentos muçulmanos mais significativos do islamismo. Se for preciso, morre ou se mata em nome de Alá.

O livro sagrado é o Alcorão. Medina é a terra que onde o profeta Maomé construiu a primeira mesquita e lá se faz necessário visitar pelo menos uma vez ao ano. Além de Medina, Meca e Jerusalém, são cidades sagradas para os muçulmanos.

O muçulmano acredita, também, em céu e inferno, ele ora cinco vezes ao dia, voltado para Meca. Os cristãos e os judeus são considerados infiéis da fé islâmica.

Para os muçulmanos, Moisés e Jesus Cristo precederam-no, porém, Maomé é o escolhido para unificação da fé em Alá.

Esta análise sumária das principais religiões fez-se necessária para explicar quão tortuoso é o caminho que se leva a Deus. Não existe uma doutrina comum às religiões, cada religião tem sua verdade. Como, “religião, política e mulher, não se escolhe, se abraça”, porque todas têm defeitos e qualidades, deve-se abraçar àquela que corresponda às convicções de foro íntimo de cada um.

A religião, a seita e o mito se encontram em todas as culturas. A história do homem primitivo está recheada de deuses que explicam os fenômenos naturais, mas o significado maior, é que o sentimento de religiosidade no homem é inato, explicável pela sua impotência, sua limitação e a necessidade que ele tem de um Ser Superior e o desejo intrínseco de uma vida perene.

Entendemos que um novo modelo de crença irá surgir. Afora às descobertas científicas, as religiões atuais não respondem às ansiedades e ao sofrimento do ser

humano e às hecatombes naturais. Então, ele continuará buscar respostas para o seu mistério existencial, o conhecimento de si e, a explicação da verdadeira natureza do ser transcendental.

IV

O mundo das possibilidades

O livre-arbítrio e o determinismo sempre mexeram com a cabeça dos pensadores. Hoje, ganha fôlego o princípio filosófico do livre-arbítrio, pelo menos para explicar as ações humanas e o maniqueísmo filosófico do bom e do mal, ou seja, o homem, animal racional, possui o livre-arbítrio de escolher Deus ou o Diabo, o certo ou o errado.

Às vezes, o determinismo ganha mais força para justificar o inexplicável, principalmente, junto ao homem simples, é comum alguém dizer: “...foi o destino, Deus quis assim...”, isto é, como se tudo tivesse predeterminado, decerto, é a maneira do homem simples racionalizar o imprevisto.

O determinismo é a teoria do fatalismo, mecanicista, as coisas não acontecem por acaso, tudo tem uma razão a priori de ser, veja o exemplo do que ocorre com as castas sociais hindus, elas são predeterminadas, um pária (casta inferior) não tem o direito de aspirar sua ascensão social ou religiosa, pois lhe é negado desde o nascimento esse direito pela sociedade e pelo sistema religioso brâmane.

Há dois ou três anos, quando me debrucei para estudar a biografia do escritor Machado de Assis, surpreendi-me como alguém que nasce de pai pintor de parede, mãe lavadeira, pais paupérrimos e sem instrução, torna-se um dos maiores escritores do país. Sua mãe o deixa por morte ainda menino, ele consegue transpor tantas dificuldades e tornar-se romancista, contista, jornalista dramaturgo, teatrólogo, cronista e funcionário

graduado de alguns Ministérios brasileiros, além de ser o primeiro presidente da Academia Brasileira de Letras – ABL.

A história de Machado e tantas outras histórias de vidas que parecem predestinadas, me fez compreender, que ambos os princípios, o determinista e o livre-arbítrio, não respondem aos questionamentos mais profundos do ser humano.

A História da Humanidade não pode ser reduzida à malícia da serpente, à fragilidade de Eva e à ingenuidade de Adão, que instigado por Eva, Adão usou o seu livre-arbítrio e comeu a fruta do conhecimento (mesmo ameaçado de morrer e expulsão do Éden) do bem e do mal, a fruta do pecado, a maçã, a fruta do amor... de lá pra cá, somos todos vítimas do pecado original, ou seja, nascemos com o estigma do determinismo do pecado original.

Embasado nessas observações empíricas e nas diatribes aos princípios deterministas e do livre-arbítrio (determinantes do comportamento humano), é que sugiro aos meus leitores, o “princípio da possibilidade”, decerto, este princípio responderá às mais inexplicáveis questões sócio-ambientais, a reconceituação do bem e do mal, a sorte e o azar, exorciza o destino predestinado e diminui a força do livre-arbítrio e foi sistematizado em possibilidades:

- a) Necessárias;
- b) Contingenciais;
- c) Reais.

Entendo que a “possibilidade necessária” é a que se impõe por si, não deixa de ser, verdade absoluta. Deus é uma possibilidade essencial, existe por si, mesmo que alguém o negue, o reconhece como idéia lógica que subsiste por si. A “possibilidade necessária” está na categoria kantiana dos “conceitos puros e fundamentais à unidade dos juízos”.

A “possibilidade contingencial” é de natureza absurda, contingente, que fere as leis da razão e do bom-senso cartesiano - não confundir este princípio com a filosofia existencialista de Kierkegaard, Camus, que questionam os conflitos existenciais do homem com Deus, a morte, enfim, com sua essência.

A “possibilidade contingencial” responde às coisas mais imediatas, aos fatos do dia-a-dia, de natureza improvável, não transcendental, não filosófica, não lógica, não determinista, mas de possibilidades existentes e reais.

É uma temeridade leitor, citar exemplos aleatórios, porém, em nome do entendimento, eis aí três exemplos que desafiam à razão:

-Alguém diz que nunca morrerá de acidente de avião porque jamais o usará como meio de transporte, porém, um dia lhe cai o avião sobre sua casa e o mata.

-Alguém que não sabe nadar diz que nunca morrerá afogado porque jamais entrará num barco, numa canoa, num navio ou tomará banho em lagoa, rio ou mar, mas a natureza revoltada despeja chuvas torrenciais e afogam-no e submerge sua casa em tempo recorde...

-Alguém de natureza cordata, eticamente correto, caseiro, do trabalho pra casa, da casa para o trabalho, que não é de briga, família, um dia é vítima fatal de uma bala perdida de um confronto de bandidos ou um confronto de polícia e bandido.

As pessoas comuns atribuirão a esses fatos inexplicáveis ao destino, à predestinação, os mais místicos, às explicações espirituais, todavia, tudo não passa do “mundo das possibilidades”, mesmo remotíssimas, do meio que estamos inseridos, nós somos as nossas circunstâncias...

A “possibilidade real” é quando as condições são reais, as possibilidades sócio-ambientais confluem para um determinado fim, elas dependem, somente, da vontade, do livre-arbítrio do indivíduo, da sua escolha a priori, do seu foco.

O filho de um pesquisador, de um cientista, por exemplo, pode ser influenciado pelo meio familiar e seguir o pai profissionalmente, todavia, ele poderá seguir uma profissão não correlata, de acordo às suas convicções de foro íntimo.

O provérbio popular que “não existe sorte nem azar, tudo depende do modo de agir”, é um aforismo reducionista do princípio do livre-arbítrio, como se tudo fosse produto da vontade, do que “eu posso”, “eu quero”, que em condições reais, é provável, mas, longe de explicar aquilo que pode ou não pode acontecer, a exemplo das “possibilidades contingenciais”.

Espero que esse princípio teórico das “possibilidades”, responda aos questionamentos do homem, que ele não atribua ao destino ou à categoria de fenômenos providenciais o que ocorre independente de sua vontade, mas ao “mundo das possibilidades” que todos nós estamos inseridos.

Jesus Cristo

Não foi um judeu, nem um agnóstico da estatura de um Thomas Huxley, foi um médico talentoso, que me perguntou se Jesus Cristo existiu ou, é um personagem histórico e não o Filho de Deus, criado para atender às aspirações existenciais de alguns grupos político-religiosos (Escribas, Fariseus, Zelotas, Essênios, Samaritanos, etc), daquela época, que esperavam por um Messias, um Rei-Deus, que estabelecesse a ordem política e religiosa do povo palestino, do povo judeu.

Confesso-lhe, caro leitor, que parte do seu questionamento, soube-lhe responder, mas se Jesus Cristo é Deus-Filho, pedi-lhe tempo para pesquisar e formar um juízo. Contudo, adiantei-lhe que se Jesus Cristo não é o messias, o novo Moisés dos judeus, predestinado desde o Antigo Testamento, as Escrituras ainda não tinham sido cumpridas, a esperança do judeu num novo messias tinha sua razão de ser, porém, a fé e a convicção dos cristãos tinham sobrevivido há séculos!... Vejamos.

“E ele converterá o coração dos pais aos filhos, e o coração dos filhos a seus pais; para que eu não venha, e fira a terra com maldição” (Malaquias: 4: 6). Então: “Ele foi oprimido e afligido, mas não abriu a sua boca; como um cordeiro foi levado ao matadouro, e como a ovelha muda perante os seus tosquiadores, assim ele não abriu a sua boca” (Isaías: 53: 7).

Ou ainda, no Novo Testamento:

“E dará à luz um filho e chamarás o seu nome JESUS; porque ele salvará o seu povo dos seus pecados” (Mateus: 1: 21) e, “Para que se cumprisse o que fora dito pelo profeta Isaías, que diz: “Eis aqui o meu servo, que escolhi, O meu amado, em quem a minha alma se compraz; Porei sobre ele o meu espírito, E anunciará aos gentios o juízo” (Mateus: 12: 17,18).

Faz-se jus dizer que Jesus Cristo é o Senhor da História, divide-a em antes ou depois dele, embora não tenha escrito nada (Sócrates e Maomé também não escreveram), os 27 livros do Novo Testamento testificam-no, afora o depoimento de vários historiadores do seu tempo, negá-lo como homem, como líder religioso, como profeta, é sem dúvida, falta de informação, de embasamento cultural, entretanto, prudência se faz necessária para afirmá-lo Deus-Filho.

É necessário esclarecer que se Jesus Cristo nasceu num Estado-judeu que transpirava e respirava justiça social, autodeterminação e nacionalismo. Esses grupos político-religiosos viviam oprimidos pelo poder militar superior do império romano que embora deixasse os problemas internos nas mãos da elite sacerdotal, do Templo, do Sinédrio, os espoliavam com tributos escorchantes e trabalho escravo para manter o seu poder político colonialista, afora os saduceus e os herodianos, os demais grupos esperavam por um Reino de Deus que estabelecesse a ordem política e social do Estado-Judeu – Jesus Cristo se fez o Deus-Filho (Leia: João: 5: 24-29), das promessas da Nova-Aliança, da ressurreição, da remissão dos pecados e da vida eterna, no tempo certo e no lugar certo, portanto, sua doutrina teria que prosperar...

Galiléia, Judéia, Samaria e Jerusalém formavam um ambiente único de idéias místicas, alimentado pelos escribas, doutores da Lei e anciãos (grandes proprietários de terra e com voto no Sinédrio e nos conselhos locais), os doutores da Lei e os sacerdotes tinham mais influência no Sinédrio e nas Sinagogas do que os demais grupos pelo fato deles serem os mais letrados, com mais conhecimento nas coisas do mundo e nas coisas celestes.

Por isso, o choque cultural e religioso que causou um carpinteiro (mesmo da linhagem de Davi), surgido do povo, que provoca ruptura na lei (Leia Marcos: 2: 23 – 28), nas falsas tradições (Leia Marcos: 7: 1-13) que condena a dominação, principalmente, a dominação intelectual e se diz Deus-Filho, ele tem que ter autoridade moral e intelectual para tamanho enfrentamento e não poderia ser outro o seu desfecho se não a morte, a morte na cruz, execução reservada aos mais perigosos conspiradores do estado romano.

Porém, faz-se necessário esclarecer que não existe nenhum registro de Jesus Cristo ter freqüentado escola ou algum preceptor famoso, comum naquela época, nas famílias abastadas, mas existem alguns pontos obscuros em sua vida, a exemplo de suas aparições públicas pelo espaço de tempo, tempo suficiente para o seu embasamento intelectual e moral, inclusive, como autodidata, vejamos:

- Recém-nascido, apresentado a Simeão e a profetisa Ana (Leia Lucas: 2: 25-37), doze anos depois:
- Discutindo com os doutores, na festa da páscoa, depois de três dias (Leia Lucas: 2: 39-52), no batismo:
- Adulto (Leia: João: 1: 32-34; Lucas: 3: 21-22), aos 30 anos de idade:

-Nas bodas de Caná (Leia João: 2:1-12), onde ele realiza o seu primeiro milagre de acordo as Escrituras do Novo Testamento.

Portanto, Jesus Cristo teve tempo suficiente para se preparar em conhecimento, sabedoria, e discutir em pé de igualdade com os sacerdotes, os doutores da lei, os escribas e toda sociedade intelectualizada e privilegiada socialmente do seu tempo sem necessidade de se recorrer aos estratagemas transcendentais da onisciência gnosiológica.

O principal cerne de suas promessas, a ressurreição e não a reencarnação (a reencarnação tomou fôlego com a codificação de Allan Kardec, no Século XIX, mas atualmente não se sustenta com o advento da Parapsicologia e suas correlatas que estudam os fenômenos paranormais sem explicações transcendentais). A ressurreição é registrada no Antigo Testamento e Novo Testamento (Leia: Jó: 19,25-26; Isaías: 25: 8; Oséias: 13: 14; Marcos: 12: 25-27; João: 6: 39; I-Coríntios: 15: 22-24, 42-44, 51-52; Timóteo: 2: 11 e Apocalipse: 20: 6), Jesus Cristo, apenas, deu forma à tradição, com sua autoridade moral e intelectual.

Sua ressurreição é divergida entre os escritores evangelistas, Mateus foi quem deu uma intervenção providencial: “E eis que houvera um grande terremoto, porque um anjo do Senhor, descendo do céu, chegou, removendo a pedra da porta, e sentou-se sobre ela. E o seu aspecto era como um relâmpago, e as suas vestes brancas como neve” (Mateus: 28: 23), João, um dos evangelistas mais lidos, deu uma versão romanesca em que Pedro encontrou somente suas vestes que usou quando crucificado, mas Maria Madalena o encontrou ressuscitado: “Disse-lhe Jesus: Maria! Ela, voltando-se, disse-lhe: Raboni (que quer dizer, Mestre). Disse-lhe Jesus: “Não me detenhas, porque ainda não subi para meu Pai, mas vai para meus irmãos, e diga-lhes que eu subo para meu Pai e vosso Pai, meu Deus e vosso Deus” (João: 20: 16-17).

Ora, respeitam-se a Bíblia e os fatos de 2000 anos, porém, considera-se que deve ter havido distorções, acréscimos omissões na tradução das Escrituras Sagradas ao longo desses séculos, mas que numa análise apurada dos Evangelhos ou esses fatos são considerados pela fé sem discussão ou esses fatos passam pelo crivo de mentes não comprometidas para que a verdade não seja relativizada e a ressurreição de Jesus Cristo não seja controversa em sua natureza divina.

Mateus dá um cunho sobrenatural à sua ressurreição, João relativiza o fato e afora a rejeição de Cristo a Maria Madalena “porque ainda não subi para meu Pai”, a ressurreição de Jesus é da natureza humana e não espiritual: “E, não o crendo eles ainda por causa da alegria, e estando maravilhados, disse-lhes: Tendes aqui alguma coisa que

comer? Então eles apresentaram-lhe parte de um peixe assado, e um favo de mel; O que ele tomou, e comeu diante deles”. (Lucas: 24: 41-43).

Ora, como se acreditar que um ser de natureza divina, ressuscite em matéria corruptível? É evidente que esses fatos não são coerentes e não são aceitos pelo racionalismo cartesiano, pelo positivismo de Comte, mas aceitos por uma fé ingênua ou por interesses inconfessáveis da elite cristã.

Além de Jesus Cristo ressuscitar em matéria corruptível (carne e osso), sua ascensão ao céu, depois de comer, beber e, mostrar suas chagas a Tomé, é descrita como uma história da carochinha, de entreter criança: - quando ele estava ensinando aos discípulos, ele é arrebatado ao céu e desaparece nas nuvens, dois anjos, embaixo, são incumbidos de explicar o fenômeno aos homens: “...Os quais lhes disseram: Homens galileus, por que estais olhando para o céu? Esse Jesus, que dentre vós foi recebido em cima no céu, há de vir assim como para o céu o vistes ir (Atos: 1 : 9-11).

: Os textos agnósticos, apócrifos, em voga, que andam por aí convertidos pela indústria cinematográfica em filmes de sucesso, que Jesus Cristo conviveu com Maria Madalena e teve filhos, não produzem provas negando sua natureza divina, não têm sustentação científica, mas retórica, discursiva e hipotética, não o rebaixam à condição de um homem comum, esses textos também não põem uma pá de cal dele não ser Deus-Filho, apenas servem para reforçar o pensamento ateu ou doutrinas não cristãs que o têm como um grande profeta à estatura dum Elias, Moisés, Maomé, João Batista, mas, não Deus feito homem.

Considero que é prudente reconhecê-lo como o maior líder e o maior profeta da história religiosa. Os seus ensinamentos manifestam humildade, liberdade, fraternidade, esperança, paz, amor ao próximo e a Deus, diferente de alguns ensinamentos que pregam a retaliação, a violência, o mal e a destruição doutros seres humanos, em nome de um Deus mau e vingativo, dum fé irracional e bestial...

Se os seus milagres dos Evangelhos foram produtos da imaginação dum povo de natureza mística e cioso de liberdade, se não foram fenômenos transcendentais, mas produtos dum força mental poderosa que os operou, mais subsídios têm os pesquisadores exegéticos para rejeição da natureza divina desses textos.

VI

Deus

Antes de tecer comentário sobre a natureza de Deus, quero pedir licença ao leitor para contar-lhe duas historinhas, que diante da bestialidade do homem de hoje, da violência que grassa, das guerras entre nações, do desequilíbrio da natureza com terremotos, tsunamis e todo tipo de desastres ecológicos, as minhas historias não passarão de casos pessoais de somenos importância, todavia, para mim, representaram o insight que faltava para a criação deste texto e a coragem de publicá-lo, a mercê do escárnio, do deboche, da gozação intelectual e da crítica maledicente que ficarei sujeito, mas é a minha verdade:

HISTÓRIA I – O ano de 1992 corria às mil maravilhas. A minha primogênita debutou em março daquele ano, comemoramos a data entre amigos e parentes, com boa bebida, muita comida, muitos salgadinhos, bolo de 15 anos, fotos, músicas, danças, muita alegria, um dia feliz!...

Novembro de 2003, a minha Ana Paula, a debutada, formando de magistério, expirava no Hospital das Clínicas de São Paulo, vítima de neoplasia de medula, quase em meus braços.

HISTÓRIA II – Recentemente, aguardava a minha vez de consulta com o médico G. C. Pereira, na Clínica-X, quando uma mãe pobre adentra com o seu filho, uma criança de 2 ou 3 anos de idade, com a saúde irremediavelmente comprometida, para sua desdita, logo depois, alguém veio lhe dizer que o seu lugar não era ali, mas no Hospital-X', conveniado com o SUS!...

Duas desditas, dois infaustos cada vez mais comuns no dia-a-dia, mas que mexeram e ainda mexem comigo, um pelo vínculo parentesco; o outro, pelo choque da imagem, que me fizeram perguntar: “Deus existe?” ou, “Quê Pai é esse?”, que deixa os seus filhos à toa e destrói as esperanças daqueles que confiam na palavra de seu filho unigênito, Jesus Cristo: “E qual de entre vós é o homem que, pedindo-lhe pão o seu filho, lhe dará uma pedra? E, pedindo-lhe peixe, lhe dará uma serpente? Se vós, pois, sendo maus, sabeis dar boas coisas aos vossos filhos, quanto mais vosso Pai, que está nos céus, dará bens aos que lhe pedirem?” (Mateus: 7 : 9-11).

Então, conclui que o Deus das Escrituras Sagradas, o Deus da justiça, da misericórdia e do amor, o Deus do Novo Testamento, deixou o homem há tempo, à

mercê do seu destino, dos seus infortúnios, de suas mazelas, de suas necessidades, que não age, hoje, como agiu o Deus de Moisés, de Abrão, Jacó, de Jó, de Isaías, de Davi, de Salomão..., o Deus que lhes deu a Terra Prometida, que lhes multiplicou a descendência, que lhes deu longa vida, que lhes deu saúde, que deu fertilidade à mulher e à escrava de Abrão, que lhes deu conhecimento e sabedoria já não existe, por isto, deixei a fé ingênua de lado e busquei-Lhe através da intuição, da dedução e da razão, das respostas lógicas às minhas perguntas, das perguntas do homem.

A teoria da evolução de Darwin (achincalhada pelos cristãos), às vezes, confundido com o princípio da “geração espontânea”, pelos menos informados, é mais racional do que o ingênuo criacionismo da Bíblia: “E formou o SENHOR Deus o homem do pó da terra, e soprou em suas narinas o fôlego da vida; e o homem foi feito alma vivente” (Gênesis 1: 7). Todavia, Darwin preocupou-se apenas, com o desenvolvimento e a sobrevivência das espécies pelo processo de seleção natural, portanto, ele se aprofundou nos efeitos e não na causa-efeito, a causa primeira que deu origem a todos os seres vivos, é compreensível, ele buscava, somente, as causas biológicas e físicas temporais para explicar a origem das espécies.

A tendência teórica atual que o universo surgiu de uma grande explosão (Big-bang) dá uma resposta lógica aos físicos, principalmente, aos conceitos de expansão e contração do universo einsteiniano, um universo em movimento, infinito (não, o universo finito da Bíblia Gênesis: 1: 1-18), à origem da matéria e o uso nuclear do átomo, contudo, certas tendências teóricas insistem em não se aprofundar no livre-arbítrio do universo, na “realidade aleatória” (possibilidade aleatória) quântica e valoriza o determinismo a priori das leis naturais, um Deus que o ordenou, que o rege o como um Super-Homem, Einstein em carta para Max Born acredita nesse determinismo: “A mecânica está impor-se. Mas uma voz interior que ainda não é a teoria certa. A teoria diz muito, mas não nos aproxima do segredo do Velho (Deus). Eu estou convencido que Ele não joga aos dados”.

Aleatório, aqui, é um fato estatístico, um fenômeno acidental, mas que tem probabilidade de acontecer, mesmo que leve 18 bilhões de anos, que é a idade do nosso universo, de acordo os gênios da Física.

É evidente que a criação do homem e do universo no Antigo Testamento é uma linguagem metafórica, simples, feita para o entendimento do homem, principalmente, do homem daquela época, de um Deus que “descansa” no sétimo dia, então, que vivia na “escuridão”, pois a luz foi um dos seus primeiros imperativos: “E disse Deus: Haja

luz; e houve luz. E viu Deus que era boa a luz; e fez Deus separação entre a luz e as trevas. E Deus chamou à luz Dia; e às trevas chamou Noite. E foi a tarde e a manhã, o dia primeiro” (Gênesis:1 :3-5).

Ora, faz-se necessário considerar a Bíblia como um livro que exprime: mitos, costumes, crônicas, contos, fugas, leis, justiça, liberdade, guerras e paz, mas que não tem compromisso com a ciência, sobretudo, por ser uma obra de vários livros e autores diferentes, alguns, de autoria duvidosa, embasados na tradição oral. Além disto, questiona-se o Deus do Antigo Testamento porque Ele intervém e pune o inimigo com a ira de um ser humano e sua mensagem centra-se em Lhe reconhecer e adorá-Lo.

Porém, há na Bíblia certos símbolos recorrentes, a exemplo da água, óleo, ar, luz, fogo... o fogo é que mais chama a atenção do espírito filósofo pelo seu significado energético, Deus se manifesta através do fogo (Leia: Êxodo 14: 24; Números: 31:23; Levítico: 13: 55; Ezequiel: 36: 5; Lucas: 3:16...). A passagem mais emblemática é quando Ele aparece a Moisés:

"E apareceu-lhe o anjo do Senhor em uma chama de fogo do meio duma sarça. Moisés olhou, e eis que a sarça ardia no fogo, e a sarça não se consumia; pelo que disse: Agora me virarei para lá e verei esta maravilha, e por que a sarça não se queima. E vendo o Senhor que ele se virara para ver, chamou-o do meio da sarça, e disse: Moisés, Moisés! Respondeu ele: Eis-me aqui." Ou, quando o seu Filho aparece a Saulo na estrada de Damasco como uma luz brilhante que o deixa cego (Atos: 7, 58-59).

Um ser finito jamais terá a compreensão absoluta de Deus, São Tomás de Aquino deixou isto claro quando disse que “um ser finito nunca entenderá um ser infinito”, pois o ser infinito é ilimitado em sua essência, o ser finito possui semelhança, mas não é igual ao ser infinito, o ser finito possui a essência do infinito, mas é limitado pela matéria corruptível, é um ser necessário contingente.

O sofrimento do homem não é um castigo de Deus, não é o mal em si, decorre do desequilíbrio de sua essência, o desequilíbrio de sua energia vital, pois o bem decorre da harmonia e não do desequilíbrio das forças da natureza, o mal, apenas, é uma possibilidade contingencial.

A oração e a fé são necessárias para estabelecer o equilíbrio entre Deus (essência necessária pura), e o homem (essência necessária contingencial). Quando o homem doente através da fé e da oração, reestabelece esse equilíbrio, atribui-se o milagre da cura.

A religião tem essa função de “ligar” essas forças da natureza (não confundir com o panteísmo), e reestabelecer a harmonia quando bem dirigida em seus propósitos, mas quando a religião e as denominações religiosas atendem aos interesses do mundo, “quebra-se” a corrente dessa harmonia e o mal se torna realidade.

Haverá, decerto, quem harmonize um dia, o determinismo das leis naturais de Galileu, Newton e Einstein e a “realidade aleatória” da Teoria Quântica para elucidação aproximada do mistério da criação do universo e do homem. Uma realidade surgida do “caos”, é menos provável do que uma realidade determinada, por isto, é provável que a filosofia seja o instrumento dessa elucidação e não a ciência da natureza.

Os atributos de Deus não passam pela consciência moral, ou seja, Ele não possui qualidades intrínsecas de santidade (valor moral), verdade, amor, justiça, bondade etc, pois são valores de natureza humana, sentimentos temporais, valores relativos, sociais, que tem razão de ser, hoje, amanhã não. Se necessário Lhe atribuir predicados que sejam atemporais: uno, infinito, eterno, onisciente, onipresente e onipotente. Deus não é pai, Deus é Criador.

Caro leitor, o raciocínio lógico atual, rejeita um Deus personalizado, um Deus do Antigo Testamento, um Deus que deixa a injustiça, a maldade e a dor sucumbirem o homem, que oferece o seu Filho à morte de cruz em nome duma Nova Aliança, aliança que sela um pacto com promessas vãs de remissão de pecado, ressurreição e vida eterna, sugiro-lhe sem pretensão, os postulados abaixo, embasado no “princípio da possibilidade” e das forças da natureza (energia universal), a natureza de Deus:

a) Energia-potencial, incriada, etena, universal, que emana energia e dá movimento;

b) Possibilidade necessária, que se impõe por si, não deixa de ser, verdade absoluta. Possibilidade necessária essencial, mesmo que alguém a negue, a reconhece como “idéia lógica que subsiste por si”, essência necessária pura;

c) Primeira possibilidade necessária essencial, a causa primeira, que deu origem ao ser contingente e ao ser necessário contingente;

d) Possibilidade necessária essencial e ordenadora, a realidade aleatória é improvável.

VII

Desfecho

Enfim, caro leitor, nós chegamos à conclusão do texto. Tracei uma linha de raciocínio com o objetivo de responder às questões existenciais do homem e indicar-lhe as causas e os meios de adquirir uma felicidade relativa, que é estar feliz e não, ser feliz. Se o homem tem esta consciência, que ele é suas circunstâncias do momento, certamente, irá sublimar todos os seus revezes e não mais acreditar no azar,

O simbolismo religioso contribui para o aumento da fé, o símbolo torna a fé mais compreensível e menos abstrata. Todas as religiões usam-no numa forma ou outra.

Hoje, as religiões além de fazerem dos seus cultos, uma releitura contraproducente dos seus ensinamentos, uma leitura repetitiva, uma leitura sem discussão, uma verdade pronta, uma lavagem cerebral, algumas igrejas não têm contribuído para felicidade do homem, aumentam de maneira escusa, cada vez mais, o seu patrimônio.

O que a Igreja Católica fez no Século XVI, com a venda das indulgências para reconstrução da Basílica de São Pedro (antes de Lutero), aos senhores feudais e aos burgueses, hoje, as igrejas mercenárias fazem aos seus incautos e menos informados fiéis, promessas de cura, expulsão de demônios, ascensão econômica e social, desde que sejam pródigos na devolução do dízimo.

Porém, a igreja (espaço físico) é o lugar mais apropriado para, através da oração, o homem entrar em comunhão com Deus, pela concentração de energia positiva, desde que o pastor ou o padre conduza bem essas consciências.

Acredito que o princípio das “possibilidades” irá dar uma nova compreensão, uma nova leitura às coisas que acontecem por acaso, certas atitudes do homem e os acidentes natureza, vistos, hoje, como castigos da Providência.

Não confundir “o mundo das possibilidades” com “realidades aleatórias” ou com predestinação ou determinismo.

Para finalizar, caro leitor, faz-se necessário esclarecer que a nossa proposta não propugna o ateísmo, o panteísmo, o deísmo, nem censura sua convicção religiosa, mas lhe propõe uma nova concepção de Deus, do homem e da vida.

A maneira de “falar” com Deus é a oração, a oração é energia positiva e harmoniza a matéria...

Autor: Rilvan Batista de Santana, nascido em Lagarto, graduado em Filosofia c/matemática, professor de matemática do ensino médio no CEI e IMEAM por longos anos. Pós-Graduado em Psicopedagogia- UESC Itabuna-BA.

TEXTOS INSERIDOS:

- 1) “O símbolo” é de minha autoria, inserido e adaptado para este texto, publicado no original, no blog: <http://saber-literario.blogspot.com>
- 2) (Texto reelaborado, do meu livro, inédito: “Lgrimas rolando...”).

CONSULTAS:

- 1) Antigo Testamento e Novo Testamento;
- 2) CHALMERS, Alan F. A Fabricação da Ciência. São Paulo: Editora Unesp, 1994.
- 3) CHALMERS, Alan F. O que é Ciência, afinal? São Paulo: Brasiliense, 1995.
- 4) CHRÉTIEN, Claude. A Ciência em Ação; mitos e limites. Campinas, SP: Papirus, 1994
- 5) BETHENCOURT, Francisco. *História das Inquisições – 1994 Lisboa - Portugal.*
- 6) História do Islamismo – Site: pesquisa.com
- 7) Mente e corpo – Site: nelsonmarins.com.br
- 8) São Tomás de Aquino – Wikipédia, a enciclopédia livre.

- 9) Albert Einstein - Wikipédia, a enciclopédia livre.
- 10) Teoria Quântica - Wikipédia, a enciclopédia livre.
- 11) Energia - Wikipédia, a enciclopédia livre.
- 12) Relatividade Restrita - Wikipédia, a enciclopédia livre.
- 13) Religiões – know.net/religoes
- 14) O Judaísmo - Wikipédia, a enciclopédia livre.

LICENÇA:

<p xmlns:dct="http://purl.org/dc/terms/" xmlns:vcard="http://www.w3.org/2001/vcard-rdf/3.0#">

To the extent possible under law, Rilvan Batista de Santana
has waived all copyright and related or neighboring rights toO homem nasce para ser feliz?....</p>

